

Em 5 de março de 1616 a Inquisição declara que a teoria de Copérnico não concorda com a Bíblia, sugere correções e proíbe o livro do padre Foscarini, considerando este mais arrojado do que a Galileu.

A pessoa e a liberdade de Galileu não são atingidas. A Inquisição, neste 1616, apesar de ter recebido uma denúncia sobre Galileu em nada molesta o sábio. Galileu detém a maior liberdade de movimentos. A sua dignidade em nada fôra atingida. Galileu continua os seus trabalhos de investigador. Chega 1618 e traz uma trovoada, a polémica entre Galileu e o padre Grassi em torno dos cometas (e que hoje a história da ciência, irónicamente, considera bem mais sabedor do assunto do que Galileu). Galileu desfere o ataque com uma bomba de hidrogénio, o seu "Il Saggiatore", formosa peça de polémica duma virulência digna de Camilo ou das "Farpas". Ganha definitivamente outro inimigo no Padre Grassi, também sábio e bem mais dentro da razão, no assunto dos cometas, do que Galileu.

O cardinal Barberini, futuro papa Urbano VIII, escreve em 1621 uma "Adulatio Perniciosa" em louver de Galileu e que na disputa do sábio com Delle Colombe se havia colocado da parte de Galileu. Barberini ascende ao papado. Galileu julga oportuno o momento para ver sancionado o sistema copernicano. No dia um de abril de 1624, chega Galileu a Roma e é recebido com entusiasmo pelo papa Urbano e vários cardiaias. No ano seguinte, o cardinal Francisco Barberini frustra a tentativa de se prejudicar a Galileu, a propósito de "Il Saggiatore". O padre Grassi, raivoso qual cometa, não adormecera as flehadas que Galileu lhe apontara à carne...

Em 1630, a surda rivalidade dos partidos, a intrigalhada, atribuiu a Galileu a autoria do "Horóscopo" de Horacio Morandi, com a sinistra finalidade de o Papa arrefecer com Galileu...

Finalmente em 22 de fevereiro de 1632, depois de vários anos de elaboração e de gestões para os publicar, saiem os "Diálogos sobre os dois máximos Sistemas do Mundo", onde Galileu provoca a atendibilidade do sistema copernicano e define o "principio da relatividade clássica", respeitado por Einstein.

Toda a obra anterior de Galileu fôra uma defesa do sistema copernicano. Os "Diálogos" eram a prova definitiva da defesa, a mais rotunda, a decisiva para o convencimento de terceiros.

Eis como o prof. Cortés Pla, o argentino do mencionado estudo "Valoración de Galileo", analisa o momento: "Estos 'Diálogos', eran ciertamente, como escribió Santillana, una carga de dinamita colocada por un experto ingeniero. Y la explosión no tardó en producirse. Quienes agazapados esperaban el momento de vengarse del viejo sabio, tenían en sus manos la gran oportu-

nidad ansiada. Los profesores aferrados a un saber caduco e incapaces de discernir por cuenta propia; los resentidos por las disputas sobre los derechos de prioridad o de validez de las ideas expuestas, no trepidan en indisponer al Papa Urbano VIII contra su antiguo amigo, haciéndole creer que por burlarse de él, Galileo ponía en boca de Simplicio argumentos oídos a Su Santidad para ridicularizarlo públicamente".

Pura intriga, puro mexerico. Galileu percebe o perigo. Em 15 de agosto de 1632 é nomeada uma congregação de sábios para julgarem os "Diálogos" e, inútilmente, Campanella e o padre Castelli, partidários de Galileu, solicitam para suas pessoas figurarem na Comissão julgadora. Galileu sente o perigo e a 13 de outubro desse ano escreve ao cardinal Francisco Barberini. Vejamos os termos em que o próprio Galileu delimita a questão. Vejamos se nesta carta de Galileu se sente um homem a lutar contra a força obscura e impessoal duma Igreja monolítica ou não se percebe, antes, o ódio de alguns contra a sua pessoa e contra a sua obra. Vejamos se Galileu temia os dogmas ou não temia antes as pessoas. Escreve Galileu ao Cardinal Francisco Barberini: "Que os meus Diálogos, Exmo e Rvmo. Senhor, últimamente publicados, tivessem contradictores isso foi previsto por mim e por todos os meus amigos, porque assim o assegurava o sucedido com outras obras minhas, anteriormente editadas, e porque assim parece que comumente sucede com as doutrinas que da comum e inveterada opinião se afastam ponto por ponto. Mas que o ódio de alguns contra mim e a minha obra, sómente porque em parte ensombrega o esplendor da sua devesse ser tão potente como para imprimir na mente santíssima dos superiores, que este livro seja indigno de ver a luz, é o que me resulta verdadeiramente inesperado".

Repare-se naquele "ódio de alguns". Repare-se naquele "ódio contra a sua pessoa". Repare-se bem no sentido desta carta de Galileu, boa fotografia do que se passou. Repare-se no sentido de intriga que Galileu diagnostica...

## IX

O próprio Galileu, na sua carta ao cardinal Francisco Barberini (13-out. 1632), reconhece que é o "ódio de alguns contra si e sua obra", o ódio e a inveja, que levaram a intriga até ao cume ("a mente santíssima dos superiores"). Dois anos antes, haviam atribuído a Galileu a autoria de "Horóscopo" de Horacio Morandi, com a intenção dolosa de prejudicarem a amizade existente entre o Papa Urbano VIII e o sábio. Mas essa amizade perdurava. "Há muito tempo temos estendido a nossa afeição paternal a esse grande homem,

cuja fama resplandece no céu e marcha sobre a terra”, escrevia o Papa Urbano VIII ao grão Duque, dando o grau de sua amizade e admiração por Galileu...

O carácter de Galileu está bem retratado neste trecho do vol. 3º, 7ª parte da “História da Civilização” de Will e Ariel Durant (S. Paulo, 1964): “Tinha o orgulho e a belicosidade de um inovador, embora, às vezes, falasse prudente e modestamente: ‘nunca encontrei um homem que, por ignorante que fôsse, dele não pudesse aprender alguma coisa’. Era um ardente polemista, hábil em contundir o adversário numa frase ou em ridicularizá-lo com candente indignação. À margem de um livro do jesuíta António Rocco, que defendia a teoria ptolemaica sobre a astronomia, Galileu escreveu: ‘Ignorante, elefante, tólo, asno...eunuco’”.

Este carácter polémico e ironizante de Galileu, nunca pode ser perdido de vista. Que a perseguição lhe foi movida por um sector religioso e também foi causada por esse carácter polémico, surge bem luminosa da afirmação do padre jesuíta Cristoforo Grienberger (o mesmo que, com outros matemáticos de Colégio Romano, em março de 1611, lhe haviam corroborado os descobrimentos e teses de 1610). Eis a afirmação: “Se Galileu tivesse sabido manter o afecto dos padres deste Colégio, viveria glorioso, não lhe teriam ocorrido nenhuma das suas desgraças e teria podido escrever com livre arbitrio sobre qualquer matéria, inclusivamente sobre o movimento da Terra”.

Galileu, em maio de 1632, vai a Roma e mostra ao Papa, seu amigo, o manuscrito dos Diálogos. Sai de Roma com o “imprimatur” eclesiástico, com a condição de versar o assunto como uma “hipótese”. Uma Igreja intolerante, uma Igreja obscura, sentindo no sistema copernicano a ruína de sua hegemonia, nunca, nem como mera “hipótese”, aceitaria a publicação dum livro como “Diálogos”. E em que poderia prejudicar a condição “hipotética” a Galileu, em que poderia Galileu sentir-se ofendido, se a base da Ciência é o seu próprio carácter de “hipotetismo”?

Mas Galileu não teve, então, a maturidade para intuir o “hipotetismo” radical da própria Ciência. Hoje, a trezentos anos dos acontecimentos, sobre a luz verde da ciência, toda a pessoa culta sabe que tanto Galileu como a Igreja estiveram equivocados. O catedrático Onofre Rojo, mestre de Física na Universidade Central de Venezuela, escreve: “nos atrevemos a afirmar, para concluir, que en este conflicto, tanto la Iglesia como Galileo estuvieron equivocados, al considerar como absolutamente cierto o absolutamente erróneo, el esquema de Copérnico, cuando no era otra cosa que una discipción ventajosa: una hipótesis.”

Assim, com o critério moderno e absolutamente definitivo do hipotetismo

radical de toda a ciência física e matemática, há que julgar muito mais científica a própria Igreja do que Galileu quando este recebe um “imprimatur” para tratar o sistema copernicano como...hipotético! A ironia dos séculos mais sabedores! Em linguagem acessível: a confusão entre estar “num” lugar o “num” momento e estar “neste” lugar e “neste” momento, define a física clássica; a física moderna acabou com tal confusão.

Ora aconteceu que o leitor vigilante logo observou que Galileu não tratara o tema como “hipótese”, mas defendia abertamente a Copérnico. Os “Diálogos” (tres dialogantes: Salviati, por cuja bôca fala Galileu; Sagredo, prototipo do homem culto e aberto ao raciocínio; e Simplicio, representante do saber escolástico e deductivo) traziam um prefácio “ao leitor esclarecido” e logo foi tomado como polémico e sinal do carácter sarcástico de Galileu. Uma edição lisboeta dos “Diálogos” (Delfos, 1970)...suprimiu este prefácio. Eis a agressividade intolerante de Galileu: “Há muitos anos publicou-se em Roma um benéfico édito que, afim de neutralizar as perigosas tendências de nossa época actual, impôs um razoável silêncio sobre a teoria de Pitágoras de que a terra gira. Havia os que afirmavam, imprudentemente, que esse edito teve origem não em estudos judiciosos mas na veemência daqueles que não se achavam muito bem informados. Ouvir-se-iam queixas de que conselheiros completamente inexperientes em observações astronómicas não deveriam cercar as asas de inteligências ponderadas por meio de inconsideradas proibições”.

O começo era agressivo. Mas o final era imprudente. Galileu, já próximo do fim de seu diálogo, põe na bôca de Simplicio, quasi literalmente, a declaração que o Papa Urbano VIII insistira que fôsse acrescentada (aquando do “imprimatur”), esta: “Deus é Todo-Poderoso; todas as coisas são, portanto, possíveis para eu; ergo, as marés não podem ser alegadas como prova necessária do duplo movimento da terra sem que isso limite a omnisciência de Deus”. Então, o personagem Salviati (Galileu) comenta com azêda ironia, qual flecha: “Um argumento admirável e verdadeiramente evangélico”...

A intriga avolumou-se. O facto de a concepção copernicana não surgir como “pura hipótese matemática”, o facto de os opositores e inimigos de Galileu sentirem que este ridicularizava o Papa através do simplório “Simplicio”, começam a influenciar o espirito de Urbano VIII. Em 5 de setembro de 1632, o embaixador de Florença informa o Grão-Duque de que o papa está furioso contra Galileu a quem culpava de o ter “enganado”, omitindo um “Apêndice” escrito e preparado pelo Sumo Pontífice. A intriga consegue sua finalidade: afastam o Papa da amizade e admiração por Galileu. O resto pertence já ao poder da Inquisição o onde também Galileu não soubera ganhar o “afecto”, como diz Cristoforo Grienberge.

O que este fizer, será sancionado pelo Papa. Galileu está definitivamente

sem amigos. Caira também no engano de, nalguns pontos de seu discurso, inmiscuir-se em discussões teológicas. . . para sustentar “conceitos científicos”. . . Agora, toda a teologia lhe caía em cima. Depois da abjuração, o sábio reside breve tempo na casa dos esposos Niccolini que conseguem do Papa a sua mudança para o palácio do Arcebispo de Siena, Ascanio Piccolomini, discípulo e amigo de Galileu.

Aí, no palácio do seu arcebispado, Piccolomini insta com o pobre septuagenário para que continue seu labor científico. Galileu refaz-se da humilhação e, no meio do carinho e da admiração do Arcebispo, volta a escrever. Em 1638, Galileu, já cego, pode acariciar com as suas mãos os “Diálogos da Nova Ciência”, publicados em julho e que marcavam o início duma nova ciência, a “dinâmica”.

Surge um filme sobre Galileu e tudo nele é adulterado. Mas não admira. O filme nasce na Bulgária, país comunista. Eu, neste canto de África, reagi contra a distorsão, a mentira, a desonestidade. Por detrás do filme está o cientifismo do marxismo-leninismo, o mesmo que já declarou o óbito de Deus (colocando-o no século XVI quando Nietzsche o põe no século XIX) no começo da “era de Galileu”. Aquela imagem da escultura do papa, ainda em preparação, quási um espantalho, é uma pura metáfora. Para quem saiba ler, é a morte da Igreja, a definitiva morte da Religião. E’ com essa “imagem” que finda o filme. . . Se a cultura não serve para reagir, de nada serve ser-se culto. As culturas defendem-se como se defende a vida, a propriedade, o amor.

Reagi á vigarice dum filme demasiado búlgaro e vulgar (vulgar, segundo os cânones marxistas). Depois tive a satisfação de ver uma revista de Madrid pensar e sentir como eu pensara e sentira. A revista hipanoamericana de cultura “Razón y Fe” (nº 857, junio 1969), da Companhia de Jesús e com sede na capital espanhola. Certo que esta nota de “Razón y Fé” é anterior ao meu artigo de crítica a “Galileo”, mas só agora a leio. Diz a revista: “Galileu, de la joven directora Liliana Cavani, es un film programático y tendencioso. Su pretensión no es propiamente histórica sino ideológica. De ahí que aunque se haya cuidado relativamente la reconstrucción ambiental, toda la fuerza de la imagen recae sobre la figura del sabio que busca su libertad ideológica y su formulación de la verdad en un mundo eclesiástico hostil. Esta situación se ha descrito con habilidad, pero también con raro apasionamiento. Sin embargo, tanto en la construcción del guión como, sobre todo, en algunas secuencias, como las finales de la carátula papal, háy una “manipulación” no siempre honesta del montaje que se subordina a fines ideológicos. Sin embargo, es un filme interesante cuya calidad cromática y la interpretación espléndida de Cyril Cussak le hacen superar con mucho la mediocridad”.

A ideologia marxista foi a que realizou o filme. E nunca uma ideologia

pode “pensar” livremente um assunto histórico. Submete a história á deformação da ideologia, um “pensar comprometido” e não um “pensar que comprometa”. Os marxistas do Ocidente tem de rejubilar com “Galileu”. Mas não só os marxistas. Na outros ocidentais, não necessariamente marxistas, que sentirão com prazer harmonizar-se “Galileu” com o seu agnosticismo ou ateísmo. Ocidentais da mais variada fauna: os existencialistas que lêem Jean-Paul Sartre e a Camus; os existencialistas que afloram por Heidegger e Merleau-Ponty; as admiradoras de Simone Beauvoir, existencialista ateu; os que aplaudem os iluministas do século XVIII ou os positivistas do século XIX; os que se fascinam no atomismo lógico ou no monismo neutro de Bertrand Russell; es que algum dia beberam a Beudette Croce on a Vico; os vários idealistas que possuem a noção de Deus como um Absoluto immanente, mas se afastam da ideia cristã de um Deus pessoal e providencialista, etc. A “era de Galileu” produziu e nutriu os mais variados ateísmos e panteísmos. E um filme como “Galileu” sabe bem ainda a estos diversos paladares da incredulidade. Reforça a incredulidade de muitos e muitos ateus, não necessariamente do “ateísmo dogmático” (de Feuerbach, Marx, Nietzsche e Sartre), mas de outras zonas como de “ateísmo ceptico”, do “ateísmo agnóstico”, do “ateísmo semântico” etc.

Findo aqui o breve estudo sobre Galileu e sua herança, a nossa era. Breves apontamentos que apenas esboçaram um perfil. O jornalismo não consente “tratados”. O jornalismo anseia por variedade, “el ser en el tiempo”, como diria António Machado. O tempo passa e traz novos temas, novas seduções. Basta de Galileu, basta da ciência que matou Deus, basta de tanto ateísmo!

Sabemos tantas coisas que não compreendemos!

Há uma velha plegária, com milhares de anos, um versosito do Rid-Veda, com estas poucas palavras: “SENHOR”, desperta-nos alegres e dai-nos conhecimento”.

Quantas vezes Galileu não terá recitado, com outras palavras, esta antiga plegária? Sentiu-a. Por isso foi religioso e sábio. E quem me dera a mim ser mais sábio para ser mais religioso! Quem me dera o conhecimento que não mata antes nos vivifica o nos torna alegres. A alegria, o hino maior a Deus.

